

A atuação da mídia em processos de gentrificação: um estudo sobre o Morro Santa Terezinha, em Fortaleza, Brasil

The media agency in gentrification processes: a study of the Morro Santa Terezinha community in Fortaleza, Brazil

Sílvia Helena Belmino

Universidade Federal do Ceará

Professora Adjunto IV da Universidade Federal do Ceará do Curso de Comunicação Social- Publicidade e Propaganda e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFC.

João Flávio Menezes Amaral

Universidade Federal do Ceará

Graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade de Fortaleza, Especialista em Gestão de Marketing e Propaganda pelo Centro Universitário 7 de Setembro, Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará.

RESUMO

Este artigo analisa a relação entre a gentrificação do Morro Santa Terezinha, comunidade de pescadores em área turística de Fortaleza e as matérias veiculadas no Jornal Diário do Nordeste entre 1982 e 1995. Com os trabalhos de Pereira, Wacquant e Slater (2014) sobre a relação de estigmas territoriais e a teoria do deslocamento de renda de Smith (1982), de Thompson (2014) sobre ideologia e mídia, e de Lefebvre (1991) e Haesbaert (2004) observou-se uma dimensão simbólica nos processos de gentrificação. Analisou-se 04 matérias com base nos Modos de Operação Ideológicos de Thompson (2007). Concluiu-se que o jornalismo atua como agente em processos de gentrificação por meio da enunciação de discursos que reproduzem, legitimam ou dissimulam relações e estruturas de poder que estão no centro das dinâmicas de territorialização intra-urbanas.

Palavras Chave: Gentrificação, Ideologia, Jornalismo

ABSTRACT

This paper analyzes a relation between the gentrification of Morro Santa Terezinha, a fishermen community in a tourist area of Fortaleza, and articles published by the newspaper Diário do Nordeste from 1982 to 1995. With the works of Pereira, Wacquant and Slater (2014) on territorial stigmas and gentrification, of Thompson (2014) on media and ideology, and of Lefebvre (1991) and Haesbaert (2004) a symbolic dimension was observed in this process. Based on Thompson's (2007) Ideological Operation Modes, four articles were analyzed, concluding that journalism acts in gentrification processes enunciating discourses that reproduce, legitimize or dissimulate power relations and structures central to intra-urban territorialization dynamics.

Key words: Gentrification, Ideology, Journalism

1. Introdução e algumas definições conceituais

a estrutura socioeconômica capitalista frequentemente é tomada como ponto de partida para a compreensão das dinâmicas urbanas nas teorias sociais e espaciais contemporâneas. Para Lefebvre (1991), por ser um ambiente no qual se desenvolve a luta de classes, as cidades revelam conflitos pela apropriação e posse do espaço urbano ordenado segundo uma lógica em que o seu valor de troca sobrepuja o seu valor de uso. Essa disputa resulta na manifestação das contradições desse sistema no tecido urbano. Os processos de gentrificação são exemplos dos processos conflituosos que derivam das desigualdades sistêmicas que configuram os territórios das cidades.

A partir de uma perspectiva comunicacional associada aos estudos urbanos, avalia-se aqui como a disputa de grupos em condições assimétricas de poder pela propriedade e apropriação do espaço urbano se relaciona com a produção e circulação de formas simbólicas pelos *media*. Trata-se de uma tentativa de compreender um processo de gentrificação em sua dimensão simbólica sem perder de vista a noção de conflito pela terra-mercadoria entre grupos sociais por meio da operacionalização do conceito de ideologia de Thompson (2007) como uma estratégia de produção de territorialidades no espaço intra-urbano.

Algumas definições se fazem necessárias para abordar essa problemática. Considerando que as cidades contemporâneas são conhecidas por uma “organização territorial marcada pela existência de enclaves territoriais distintos e sem continuidade com a estrutura socioespacial que os cerca” (SALGUEIRO, 1998, p. 39), compreende-se aqui o espaço urbano como mais que um mosaico de *lugares*, sendo este também configurado por uma *pluridade de territórios e territórios plurais* (ZAMBRANO apud HAESBAERT, 2007). Entende-se a categoria *lugar*, conforme Tuan (1979), Augé (1995) e Serpa (2011) como o espaço dotado de sentido, identidade e historicidade relacionais, produzido pela intersubjetividade dos sujeitos e pela encarnação das experiências. Por *território* será adotada a noção de Haesbaert (2007, p. 20-21), que construindo sobre a teoria lefebvriana e superando concepções materialistas ou idealistas, entende que:

território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação. Lefebvre distingue apropriação de dominação (“possessão”, “propriedade”), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca.

Em sentido amplo, concebe-se *territorialidade* como as relações sociais, políticas, econômicas, culturais e materiais, os processos, as propriedades que são condicionais para a configuração de um território. Se o território na acepção de Haesbaert se constitui em um *continuum* entre a dominação funcional concreta, político-econômica e a apropriação simbólica subjetiva, cultural, é esta última dimensão, a da apropriação, que se pretende enfatizar ao buscar uma relação entre processos de gentrificação e produções jornalísticas. Será enfatizado na mesma medida, portanto, o aspecto da territorialidade em “uma dimensão imaterial, no sentido ontológico de que, enquanto ‘imagem’ ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente *como uma estratégia político-cultural*, mesmo que o território ao qual se refira não esteja concretamente manifestado” (HAESBAERT, 2007, p. 25) [grifo nosso].

Compreender o papel dos *media* na produção das cidades e dos seus múltiplos lugares e territórios é fundamental, pois como observou Thompson (2014), as tecnologias de comunicação desenvolvidas ao longo da modernidade proporcionaram novas formas de mediação das experiências, de sociabilidades e do exercício do poder simbólico, transformando-se em instrumentos de poder controlados que permitem, segundo Raffestin (1993 apud REIS e ZANETTI, p. 21), “encerrar uma população numa trama informacional que a superdetermina em relação às estratégias das organizações”. Esse “bios midiático” (SODRÉ, 2014) proporcionado pela midiaticização da sociedade engloba as relações sociais e o espaço urbano, fazendo “desaparecer a compartimentação que caracterizava os espaços no passado, em benefício de uma transparência que torna cada lugar visível a todos os outros” (SERPA, 2011, p.23). Na atual sociedade de consumo e da informação, as dimensões simbólica e material se inter cruzam mais do que nunca, transformando coisas em signos e signos em coisas manipuláveis na construção identitária dos sujeitos e territórios.

Nesse sentido, a partir dessa relação complexa sociedade-mídia-espaço desenhada acima, buscamos aprofundar a compreensão sobre um evento específico na história de Fortaleza – capital cearense que começou a investir estrategicamente na indústria e imagem turística a partir da 1980: o processo de gentrificação ocorrido em uma das etapas do Conjunto Habitacional Santa Terezinha. As perguntas que nos guiam, portanto, são: como a produção jornalística local constrói representações espaciais de uma área em processo de gentrificação? Essas representações atuam como construções de sentidos que favorecem a apropriação de um grupo social em detrimento de outro de um determinado território?

2. Gentrificação e ideologia

O geógrafo Tom Slater (2009, p.29) define o conceito de gentrificação como “a transformação de áreas da cidade ocupadas pela classe trabalhadora ou vazias em áreas de uso comercial e/ou residencial para as classes médias”. À sua própria definição objetiva, acrescentamos sua reflexão posterior:

Como pretendia Ruth Glass, o termo ‘gentrificação’, de forma simples, mas poderosa, captura as desigualdades de classe e injustiças criadas pelos mercados e políticas públicas de terras urbanas. O crescente fardo do custo da habitação para domicílios de classes trabalhadoras e de baixa renda e as catástrofes pessoais de deslocamentos, despejos e desabrigo são sintomas de uma série de arranjos institucionais (propriedade privada e livre mercado) que favorecem a criação de ambientes urbanos que servem às necessidades de acumulação do capital em detrimento das necessidades sociais de moradia, comunidade e família. (2011, p. 572, tradução nossa)

Esse processo frequentemente ocorre em áreas cuja ausência de investimentos em urbanização cria oportunidades econômicas para o capital imobiliário a partir de reestruturações materiais usualmente apontadas como “revitalizações” ou termos que representem a reconfiguração de determinada região sob um discurso de progresso e desenvolvimento, reorientando o uso e a ocupação do espaço para usuários oriundos das classes média e alta.

Em seu comentário, Slater inclui pontos cruciais de reflexão: aponta a raiz do problema como as desigualdades sociais inerentes ao capitalismo e à mercantilização da terra e habitação urbana; e aponta para uma questão de poder e dominação imbricadas na reprodução das cidades ao indicar que estas se configuram a partir da propriedade privada e livre mercado de forma a favorecer as necessidades de acumulação do capital em detrimento das necessidades comunitárias.

Slater parte de uma de duas perspectivas paradigmáticas para a compreensão do debate em torno da gentrificação: a do geógrafo Neil Smith (1982), que elaborou sua teoria do diferencial de renda (*rent-gap theory*) ao observar o investimento do capital sobre a cidade consolidada com o intuito de capturar rendas potenciais latentes em áreas degradadas. O contraponto dessa perspectiva é a teoria de David Ley (1986), que observou que a gentrificação é consequência das demandas por áreas centrais dotadas de capital simbólico por parte de uma nova classe média urbana ligada ao setor de serviços.

Entendendo, portanto, que a disputa pelo espaço urbano se estrutura tanto a partir de demandas produtivas quanto de consumo, abordar a gentrificação

por um caminho conciliatório é um desafio. No entanto, operacionalizando o conceito de ideologia de Thompson (2007) associado à perspectiva da produção simbólica de territorialidades podemos conciliar a produção e o consumo da cidade, situando a produção jornalística como um agente mediador das duas instâncias em processos de gentrificação, atuando como produtor e veiculador de discursos que (re)constroem identidades territoriais e vinculam significações ao uso e domínio do lugar de forma a legitimar as práticas de produtores e consumidores do espaço urbano.

Thompson (2014) sustenta a tese de que “a crescente disponibilidade de formas simbólicas mediadas foi gradualmente alterando as maneiras nas quais as pessoas iam compreendendo o passado e o mundo além de seus contextos imediatos” (THOMPSON, 2014, p. 60). A cidade contemporânea socioespacialmente fragmentada em múltiplos territórios é mediada através de representações midiáticas para seus próprios habitantes pelas instituições de comunicação. Sobre essa instância simbólica de mediação da experiência, das imagens, das identidades e até mesmo das paisagens dos territórios da cidade, se exerce o poder simbólico, a construção de definições e significados do mundo social por parte de agentes detentores de poder de acordo com seus interesses, utilizando formas simbólicas como instrumentos para tal. Para Thompson, a ideologia é justamente essa mobilização do sentido a serviço de sujeitos dominantes, de forma a “estabelecer e sustentar relações sociais estruturadas, das quais alguns indivíduos ou grupos têm interesse em preservar, enquanto outros procuram contestar” (THOMPSON, 2007, p. 96).

Se o sentido é utilizado como forma de dominação e de produção de consensos que legitimam os interesses de grupos de poder, a lógica da acumulação capitalista sobre o espaço urbano das sociedades midiáticas, desvalorizando e valorizando diferencialmente lugares, se manifesta também através da semantização do espaço através de estratégias discursivas de territorialização. Haesbaert (2007, p. 28) percebe essa relação:

O ‘marketing’ em torno destas imagens criadas sobre os objetos ampliou-se de tal forma que o próprio espaço geográfico, enquanto paisagem, é também transformado em mercadoria e vendido, como ocorre no “mercado de cidades” (e de regiões, deveríamos acrescentar) global. O ‘território simbólico’ invade e refaz as ‘funções’ num caráter complexo e indissociável em relação à funcionalidade dos territórios, ou seja, a dominação lefebvriana toma-se, mais do que nunca, também, simbólica - um simbólico, porém, que não advém do ‘espaço vivido’ da maioria, mas da reconstrução identitária em função dos interesses dos atores hegemônicos.

Os estigmas territoriais observados por Loïc Wacquant (2007), por exemplo, são ilustrativos dessa relação sentido-território. Para o autor, “espaços

penalizados' podem se tornar alvo de "discursos de descrédito (...) tanto 'vindos de baixo', nas interações banais da vida quotidiana, como "vindos de cima", nos domínios jornalístico, político e burocrático (ou até científico)" (WACQUANT, 2007, p. 28), de forma a construir uma "mácula localizada" que resulta em consequências sociais, econômicas, políticas e materiais circunscritas a tal território. Observando que processos de gentrificação são usualmente precedidos por processos de estigmatização territorial, Pereira, Slater e Wacquant (2014) mostram que a desvalorização simbólica e econômica de certos lugares e a legitimação de intervenções estatais e privadas criam oportunidades para a o exercício de poder sobre determinados territórios, permitindo a captura da renda potencial latente nessas áreas, movimentando o ciclo de acumulação do capital sobre o espaço urbano. Por outro lado, Pereira (2014), ao refletir sobre os limites do modelo explicativo proposto por Neil Smith, percebe que o diferencial de renda da terra urbana que explica a gentrificação é ativado pela atribuição de capital simbólico aos espaços que se tornam alvos de valorização cultural e, portanto, econômica.

Compreendendo a influência do poder simbólico que permeia os processos de (re)produção da cidade e suas dinâmicas de territorializações intra-urbanas, estabelece-se uma base teórico-crítica sobre a qual será analisado o discurso jornalístico enquanto momento operacional em um processo de gentrificação, avaliando sua construção discursiva pela produção, seleção e circulação de significados que atuam na fabricação de uma imagem e sentido territorial, apropriando e adequando o espaço em conflito às demandas da produção do mercado imobiliário, que, por sua vez, interage com as demandas de consumo das classes médias e altas.

3. A gentrificação no entorno do mirante do Morro Santa Terezinha

Situado na região litorânea leste da cidade de Fortaleza, capital do Ceará, estado do Nordeste brasileiro, o Morro Santa Terezinha atualmente integra uma área de baixo desenvolvimento socioeconômico próxima de bairros de classe média alta e da orla turística que abriga condomínios de luxo e grandes hotéis. Apesar de sua situação atual, o local foi urbanizado a partir da implantação de um conjunto habitacional em 1981 e, mais tarde, seu ponto mais alto – o mirante de Fortaleza – tornou-se um polo gastronômico-turístico no início dos anos de 1990.

Desde o século XIX a região litorânea leste de Fortaleza foi ocupada por comunidades pesqueiras derivadas de ocupações indígenas. Durante o século XX, secas atingiram grande parte do território cearense e levaram milhares de agricultores para ocupações na orla, à época considerada área de pobreza da cidade (DANTAS, 2011). De acordo com Garcia (2010, p. 40), “esse tipo de ocupação marca um estado de saturação cujo testemunho final, após o século XIX, são as favelas”. Em 1933, registra-se o primeiro assentamento com características de favela no litoral leste, formado pela atração de oportunidades de trabalho na construção de um porto.

Entre 1980 e 1983 é construído no alto de uma duna litorânea o Conjunto Habitacional Santa Terezinha. O Estado, já a partir da ampla ocupação da região leste da cidade pelas classes médias, garantia a diferenciação dos espaços litorâneos para cidadãos-consumidores e aqueles impossibilitados de garantir o direito à cidade via consumo, estabelecendo um gueto planejado no ponto de maior altitude da cidade, garantindo a proximidade das comunidades pesqueiras deslocadas a proximidade dos seus locais de trabalho.

A partir de meados da década de 1980, um processo de gentrificação começava a germinar: jovens de classe média e turistas perceberam no mirante do conjunto habitacional, nada mais que um amplo espaço de terra batida, um lugar de lazer devido à sua qualidade paisagística. A gradativa apropriação do mirante pela classe média, assim como a acessibilidade e a infraestrutura mínima instalada para a implantação do conjunto habitacional, incentivou um movimento de consumo do local, garantindo o aporte de investimentos públicos para concretização do seu potencial econômico.

Em 1990, inaugura-se a Praça do Mirante Pescador, projetada por Fausto Nilo, arquiteto-celebridade responsável por grandes projetos, como a requalificação da Beira-Mar, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, o atual plano urbanístico Fortaleza 2040, entre outros. A instalação do equipamento, embora tenha sido também uma reivindicação por áreas de lazer por parte da comunidade local, consolida a área enquanto lugar de turismo e consumo da classe média. As casas do conjunto recebiam ofertas de compra para a construção de casas para as classes mais abastadas, estrangeiros e estabelecimentos comerciais. Notícias publicadas na época relatam esse processo:

O assédio aos moradores que resistem é tão grande que, segundo pesquisa feita pela Fundação Programa de Assistência às Favelas da Região Metropolitana de Fortaleza –PROAFA, cerca de 90% de um total de 44 famílias consultadas já receberam proposta de compra de suas casas por pessoas que, invariavelmente pertencem à classe média alta de Fortaleza, sendo geralmente profissionais liberais bem situados em suas profissões. Não é com surpresa que se constata que, para quebrar as

mais fortes resistências, alguns investidores já estejam até mesmo se utilizando de dólares. (O POVO, 1990 apud RAMOS, 2003, p.73-74).

Um ano após a instalação da praça, segundo o jornal, o local já concentrava “uma das maiores ocupações de bares por metro quadrado. [...] Em algumas ruas, como próximo ao Mirante, existem até quatro no mesmo quarteirão” (DIÁRIO DO NORDESTE, 1991). Os novos ocupantes estabeleceram sua dominação simbólica e econômica via consumo e por meio de relações de trabalho, pois um grande número de moradores passou a servir de mão de obra barata e frequentemente informal para os novos estabelecimentos comerciais.

No entanto, na segunda metade dos anos 1990, um aumento da violência no entorno do mirante geraram uma espiral de desvalorização econômica. Os restaurantes perderam clientes e a indústria do turismo voltou-se novamente para a orla da cidade, área já apropriada pelas elites e indústria hoteleira. O abandono do capital e de moradores de classe média reforçou o abandono estatal e municipal, acelerando o abandono de imóveis de uso comercial e a degradação do espaço público, que durante anos tornou-se ponto de consumo e comercialização de drogas, configurando-se em uma área problemática e estigmatizada para os moradores do morro Santa Terezinha e para o imaginário de Fortaleza.

4. Análise dos textos

O recorte de análise aqui proposto busca compreender somente o processo de gentrificação ocorrido entre os anos 1980 e 1990 em um conjunto de dinâmicas socioespaciais certamente muito mais complexas e busca se adequar ao espaço limitado proporcionado por um artigo acadêmico. Dessa forma, foram selecionadas entre um *corpus* total de 130 recortes de jornal que abordavam o morro Santa Terezinha apenas 04 notícias do veiculadas no Diário do Nordeste entre 1984 e 1995. Trata-se de recortes de textos jornalísticos referenciados na bibliografia que, por uma limitação de formato, serão disponibilizados como anexos ao texto.

Embora a análise aqui exposta não permita conclusões sobre a totalidade da cobertura jornalística, observando as construções discursivas em unidades da cobertura noticiosa da área é possível apontar paralelismos entre estas e os processos de valorização e ressignificação da área estudada de acordo com interesses de empreendedores, consumidores e indústria do turismo, pois

entendendo que as construções textuais podem legitimar, reforçar ou dissimular práticas de territorialização, elas mesmas se constituem enquanto estratégias de produção de territorialidades, produzindo representações e consensos que influenciam nos usos e identidades que determinam um território.

Para tanto, o modelo de Modos de Operação da Ideologia, proposto por Thompson (2007), será utilizado como referencial interpretativo para a identificação de tais construções que se configuram como estratégias simbólicas de produção de territorialidades. O *corpus* aqui proposto será analisado, portanto, a partir do modelo de Thompson disponibilizado abaixo (quadro 1).

Quadro 1: Modos de Operação da Ideologia de Thompson (2007)

MODOS DE OPERAÇÃO	ESTRATÉGIAS
<p>Legitimação: Busca-se fazer compreender as relações de dominação como justas e dignas de apoio</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Na Racionalização, o enunciante constrói “uma cadeia de raciocínio que procura defender, ou justificar, um conjunto de relações ou instituições sociais e com isso persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio” (p.83). - A Universalização tenta defender interesses próprios e acordos institucionais apresentando-os como do interesse de todos. - A Narrativização busca inscrever o presente como tradição eterna e aceitável em histórias sobre o passado, criando sentidos de pertença e justificando tanto a posse quanto ausência do poder.
<p>Dissimulação: Busca-se a negação, obscurecimento ou ocultação das relações de poder, desviando a atenção ou ignorando processos e relações de poder assimétricas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O Deslocamento, conotações positivas ou negativas são transferidas para outro objeto ou sujeito. - O Tropo usa figuras de linguagem para (usualmente metáfora, metonímia e sinédoque) para confundir, velar ou inverter relações de dominação e agência. - Na Eufemização “ações, instituições ou relações sociais são descritas ou redescritas de modo a despertar uma valoração positiva” (p. 84)
<p>Fragmentação: Busca-se a separação de um grupo unificado de um grupo de indivíduos inconvenientes que possuam contingência de desafio real aos grupos dominantes, dirigindo forças de oposição a estes como ameaçadores</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A Diferenciação dá ênfase às diferenças, divisões ou distinções entre indivíduos e grupos, impedindo sua união e desafios às relações de poder - O Expurgo do outro, constitui na construção de um inimigo, interno ou externo, conclamando o expurgo resistências coletivas contra estes

MODOS DE OPERAÇÃO	ESTRATÉGIAS
<p>Reificação: Busca-se “a retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal” (p.87)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A Naturalização apresenta um estado de coisas, socialmente e historicamente construídas, como acontecimento natural ou resultado inevitável de causas naturais. - Na Eternalização fatos sócio-históricos são esvaziados de caráter histórico e apresentados como imutáveis e permanentes ou fadados à repetição - A Nominalização/Passivização emprega recursos sintáticos com o intuito de apagar a agência de sujeitos em uma ação, transformando sentenças ou parte delas em nomes ou colocando verbos na voz passiva.
<p>Unificação: Busca-se estabelecer e sustentar relações de dominação através da construção simbólica de uma forma de unidade que liga indivíduos apesar de conflitos e diferenças nas relações sociais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A Padronização, estabelece um referencial padrão, proposto como fundamento partilhado aceitável para todos de trocas simbólicas - A Simbolização da Unidade constrói símbolos de unidade, identidade e identificação coletivos.

Adaptado de Thompson, *Ideologia e Cultura Moderna*, (2007)

4.1. Texto 1: Moradores protestam em passeata contra prestações da casa (Diário do Nordeste, 1984)

Aqui percebemos articulações de sentido através da Dissimulação-Deslocamento e da Legitimação-Racionalização, buscando estabelecer o problema habitacional como consequência da composição da comunidade pela tipificação da ocupação dos moradores. É noticiado o aumento vertiginoso das prestações das residências devido à crise econômica, mas é indicada a impossibilidade de pagamento devido ao desemprego ou subemprego endêmico como causa do problema.

[texto1 fragmento 1] Dentre as carências da comunidade, **composta 70% de pescadores, figura em primeiro plano o desemprego, que tem como consequência a impossibilidade de pagamento** das novas prestações, as contas de água e luz. (Diário do Nordeste, 1984)

Existe o ocultamento do sujeito, através de estratégias de Reificação-Passivização, retirando a culpa do poder público nos deslizamentos e riscos que a população corre.

[texto1 fragmento 2] **Como não houve a amarração** das dunas na época da construção do conjunto, (...) (Diário do Nordeste, 1984)

Utiliza-se a Reificação-Naturalização, ao indicar como corriqueiro o problema dos deslizamentos e a convivência da população com o risco de desabamento, minimizando sua gravidade, tornando banal a ausência de cidadania para populações excluídas.

[texto1 fragmento 3] (...) os deslizamentos **são comuns atualmente**. (Diário do Nordeste, 1984)

[texto1 fragmento 4] (...) transformou a rua numa grande vala que mede cerca de cinco metros de diâmetro, **pondo em perigo a vida dos moradores que já se acostumaram a evitar a passagem** por aquele trecho. (Diário do Nordeste, 1984)

4.2. Texto 2: Conjunto Sta. Terezinha sem acesso para turista (Diário do Nordeste, 1987)

Aqui notamos que o potencial paisagístico só é reconhecido quando este é “descoberto” por turistas. Através da Legitimação-Deslocamento, a construção mostra que o local é compreendido como um local inexplorado, escondido, exótico da cidade que foi descoberto por agentes externos.

[texto2 fragmento 1] **Os turistas descobriram um lugar** calmo e com a vista mais bonita de Fortaleza. (Diário do Nordeste, 1987)

Há a utilização da Legitimação-Universalização e Racionalização quando o jornal fala em nome da comunidade, sem citações, afirmando que esta demanda melhorias no acesso para os turistas como solução para os seus problemas.

[texto2 fragmento 2] Mas esta comunidade não vive só de felicidade. O pensamento de todos é que a cada dia que passa estão esquecidos pelas autoridades. **Alguns comentam que para melhorar a vida da comunidade e conseqüentemente acomodar com dignidade os visitantes**, a recuperação das ruas do Mirante, Rua do Sol Nascente e a entrada (na subida do morro), se faz necessária e urgente. Já aconteceu várias vezes de ônibus com turistas desistirem de subir temendo as condições do asfalto que não dão a mínima segurança. (Diário do Nordeste, 1987)

A Dissimulação-Eufemização é utilizada para criar uma oposição entre moderno e antigo, caracterizando os moradores originais como antigos, bucólicos, esquecidos pelo progresso, construindo uma imagem atraente para a exploração econômica da área.

[texto2 fragmento 3] Desse lado, a cidade mostra os seus edifícios crescendo e tomando toda orla marítima, num canteiro de concreto. Em contraste, no pé do morro, as pequenas casas com pombais **relembrando Fortaleza antiga, como os moradores originais do local**. (Diário do Nordeste, 1987)

4.3. Texto 3: Conjunto Santa Terezinha recebe à noite nova praça (Diário do Nordeste, 1990)

Este texto trata da divulgação da praça do mirante, descrevendo-a como um equipamento que transformou o mirante em um local adequado para consumo e investimento econômico, acentuando o contraste com as condições anteriores.

[texto 3 fragmento 1] Quem for ao Mirante, ponto mais alto do Conjunto Santa Teresinha, terá uma surpresa agradabilíssima. **Em lugar das três ou quatro barracas de venda de bebida alcoólica e das dezenas de carros**

estacionados no escuro, o visitante encontrará uma praça pública, totalmente iluminada, limpa, com três níveis de piso, um monumento ao jangadeiro; bancos de concreto e um mirante de verdade, em cima do qual poderá se ter uma das melhores vistas de Fortaleza. (Diário do Nordeste, 1990)

Mais uma vez é utilizada a Legitimação-Universalização ao afirmar que o projeto conta com aprovação de toda a comunidade, esvaziando qualquer dissidência ou crítica ao processo de apropriação do local que se desenrolava gradativamente.

[texto 3 fragmento 2] A praça, construída pelo Governo do Estado, será inaugurada hoje à noite, pelo governador Tasso Jereissati e o prefeito **Ciro Gomes e já recebe aplausos unânimes de toda a comunidade**. (Diário do Nordeste, 1990)

Utilizando-se da Legitimação-Racionalização, o último parágrafo do texto procura minimizar os problemas locais, esvaziando a comunidade de reivindicações para si mesma e estabelece a implantação da praça como solução para os seus problemas. A única voz trazida por parte da comunidade soma aos interesses da apropriação do local, afirmando que a população está satisfeita com o equipamento mas reivindicam uma única ação por parte do poder público: a segurança do local e dos turistas.

[texto 3 fragmento 3] Os moradores, **que antes conviviam com maconheiros, arruaçeiros, bêbados e muito barulho**, elogiam a construção da praça, **porém têm uma reivindicação a fazer**. ‘Espero que o Governo ponha na praça uma cabine da Polícia Militar (PM), para que as pessoas **não quebrem as luzes nem desrespeitem os turistas**’, **pede dona Francisca Rodrigues da Silva, que mora em frente ao logradouro**. (Diário do Nordeste, 1990)

4.4 Texto 4: Restaurantes geram empregos no morro de Santa Terezinha (Diário do Nordeste, 1992)

Apesar de descrever as contradições do processo de apropriação do lugar e apresentar uma faceta da opinião da população local consciente da apropriação de seu território por classes privilegiadas, fato normalmente ausente das notícias, o texto constrói por meio da Universalização a imagem de uma comunidade submissa e grata pela exploração econômica e dos consequentes investimentos públicos que a beneficiam indiretamente. A gentrificação comercial é retratada como progresso e benefício coletivo, apesar de ser mostrada aqui com maior criticidade.

[texto 4 fragmento 1] Como mora ao lado do emprego, **dona Raimunda não reclama do salário** de Cr\$ 120 mil, sem nenhuma gratificação ou outro benefício, mesmo com a carteira assinada. **‘Tem gente que perde esse emprego perto de casa e depois se arrepende’**, comenta. (Diário do Nordeste, 1992)

[texto 4 fragmento 2] (...)dona Raimunda **vai levando sua vida agradecendo a Deus pelos vizinhos que hoje tem. “Depois que eles chegaram tem facilitado muito a minha vida e a dos meus filhos. São gente muito legal”** declarou, se referindo não só ao restaurante a que trabalha mas também a todos os outros vizinhos. (Diário do Nordeste, 1992)

[texto 4 fragmento 3]Ela afirma que **atualmente a segurança está bem maior**, pois agora tem policiamento diário. **‘Mesmo sendo para o turista não ser assaltado, a polícia serve para proteger a gente também’**, comentou Sandra Lima, que trabalha como cozinheira em um dos restaurantes. (Diário do Nordeste, 1992)

5. Considerações finais

A partir da análise das construções de sentidos nos textos veiculados pelo jornal Diário do Nordeste, evidencia-se que a apropriação para o turismo e consumo das classes médias do entorno do mirante do Morro Santa Terezinha teve o auxílio discursivo da mídia. Por meio da mediação e narração de versões de fatos, o veículo constrói uma representação socioespacial adequada, criando uma identidade territorial romantizada, exótica, livre de conflitos e consumível pela classe média.

Observou-se, portanto, que o jornalismo, ao atuar ideologicamente como mediador de uma realidade inapreensível em sua totalidade pelos cidadãos e dos conflitos em torno da apropriação de um território no âmbito da esfera pública, pode possuir papel operacional enquanto agente cultural e político no desenvolvimento e consolidação de processos de gentrificação. Se a configuração e organização dos múltiplos territórios intra-urbanos é dinâmica e impermanente, o jornalismo enquanto veículo de representação e circulação dos sentidos desses territórios possui tanto o poder de influenciar suas dissoluções quanto suas constituições.

Isso sinaliza a importância da prática do jornalismo responsável, democrático e a par da sua condição de produtor do espaço urbano, sob pena, caso contrário, de impedir continuamente o acesso dos excluídos ao poder discursivo dos veículos de comunicação, impossibilitando seu pleno direito à cidade. O combate aos estigmas territoriais e a precarização territorial (HAESBAERT, 2004), o fomento aos sentimentos de pertencimento aos lugares pelas comunidades urbanas e a vigilância no âmbito da esfera pública pelo desenvolvimento democrático das áreas de pobreza e de turismo se

mostra como uma possibilidade fértil, ética e socialmente responsável para a comunicação, o marketing urbano e os estudos das cidades como um todo.

Referências

- DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista**: estudo da maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- GARCIA, Ricardo **Da rua da frente à Beira-Mar**: histórias de pescador. Fortaleza: Lumiar Comunicação e Consultoria, 2010
- HAESBAERT, Rogério. 2004a. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” a multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- HAESBAERT, Rogério. Território e Multiterritorialidade: um debate. In: **GEOgraphia**, ano 9, n.17, p.19 - 46, 2007
- LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Oxford: Basil Blackwell, 1991
- LEY, David. Alternative explanations for inner-city gentrification: a Canadian assessment. In: **Annals of the association of american geographers**, 76, 4: 521-535, 1986
- PEREIRA, Virgílio B. SLATER, Tom. WACQUANT, Loïc. Territorial stigmatization in action. In: **Environment and Planning**, 46, 1270-1280, 2014
- PEREIRA, Álvaro L. A gentrificação e a hipótese do diferencial de renda: limites explicativos e diálogos possíveis. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 16, n.32, p. 307-328, 2014
- RAMOS, Lia. C. **Mucuripe: Verticalização, Mutações e Resistências no Espaço Habitado**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003
- REIS, Ruth, ZANETTI, Daniela. Comunicação e Territorialidades: em torno do poder e da cultura. In: REIS, Ruth, ZANETTI, Daniela. **Comunicação e territorialidades: poder, cultura e mídia**. Vitória: EDUFES, 2018
- SALGUEIRO, Teresa B. Cidade pós-moderna: espaço fragmentado. In: **Revista Território**, ano 3, n. 4, 1998
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo, Brasil: EDUSP, 2002
- SERPA, Ângelo. **Lugar e Mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.
- SLATER, Tom. Missing Marcuse: On gentrification and displacement. In: **Informa UK Limited**. vol. 13, 292-311. 2009
- SLATER, Tom. Gentrification of the city. In: WASTSON. Sophie (Ed.). **The New Blackwell Companion to the City**. Blackwell Publishing, 2011

SMITH, Neil. Gentrification and uneven development. In: **Economic geography**, 58, 2: 139-155, 1982

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para um método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

THOMPSON, John. B. **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, Brasil: Vozes, 2014

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, Brasil: Vozes, 2007

WACQUANT, Loïc. Territorial stigmatization in the age of advanced marginality. In: **Thesis Eleven**, 91, 66-77, 2007

Jornais:

DIÁRIO DO NORDESTE. Moradores protestam em passeata contra prestações da casa. **Diário do Nordeste**, p. 9, edição de 16 de abril, 1984

DIÁRIO DO NORDESTE. (1987) Conjunto Sta. Terezinha sem acesso para turista. **Diário do Nordeste**, p. 7, edição de 1 de março, 1987

DIÁRIO DO NORDESTE. (1990) Conjunto Santa Teresinha recebe à noite nova praça. **Diário do Nordeste**, p. 11, edição de 23 de março, 1990

DIÁRIO DO NORDESTE. (1991) O moderno junta-se ao antigo no Mucuripe. **Diário do Nordeste**, p. 15, edição de 12 de abril 1991

DIÁRIO DO NORDESTE. (1992) Restaurantes geram empregos no morro de Santa Terezinha. **Diário do Nordeste**, p. 22, edição de 26 de abril, 1992